

# JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

## ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre . . . . . 500 réis  
Com estampilha . . . . . 600 »  
Fóra do reino accresce o porte do correio  
avulso . . . . . 20 »  
Redacção e administração—LARGO DA PRAÇA—Ovar

## PROPRIETARIO E EDITOR

**AUGUSTO DA COSTA E PINHO**

TYPOGRAPHIA PENINSULAR

Rua de S. Chrispim, 18 a 28—PORTO

## PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal. . . . . 60 rs. cada linha  
Anuncios e comunicados . . . . . 50 » » »  
Repetições . . . . . 25 » » »  
Anuncios permanentes, contracto especial  
25 p. c. de abatimento aos snrs. assignantes

## Os municipios

(1875)

II

Tendo feito perder á nobreza a sua entidade politica, e sómente conservando o monstruoso systema social com que esta vexava todas as outras classes, viu-se em 1789 por um lado a braços com a revolução que esses vexames provocaram, e por outro sem uma força real que podesse resistir-lhe.

A assembleia constituinte restabeleceu as communes, que declarou existirem por si—mesmas com direitos proprios e naturaes, e portanto anteriores a qualquer constituição seja ella qual fór.

A convenção depois, se foi enérgica contra os reis da Europa, se creou grandes e notaveis instituições, não pôde deixar de ser condemnada por ter confiscado o poder municipal, governando as communes pelos seus agentes e pelas juntas revolucionarias.

Com o consulado desapareceram os restos da independencia dos municipios. Sob o imperio a França não foi mais que um exercito commandado por Bonaparte. As communes eram companhias que obedeciam á voz de capitães civis; os officiaes municipaes pouco mais faziam do que expedir recrusas ao general em chefe.

O orgulhoso tyranno, que foi o continuador de Robespierre, não comprehendia a ordem politica como um organismo vivo, com forças proprias e independentes, mas como um systema uniforme, mechanico, que a sua mão podesse mover arbitrariamente.

Assim dispoz elle das receitas e dos immoveis das communes sem consentimento d'ellas, de modo que em 1814 muitas se acharam completamente arruinadas.

A restauração não melhorou a lei municipal. A carta de 1830 prometteu a sua reforma e em 1831 foram instituidos os novos municipios mas sobre uma base estreita: o seu chefe, o maire, era escolhido pelo governo d'entre os membros do conselho municipal; as authorisações, e as approvações, que exigia a lei de março d'aquelle anno, restringiram demasiados os seus poderes.

A constituição de 1852 ainda mais os coarctou.

Estas peias da liberdade local, e a tactica de excluir pelo censo as classes inferiores da representação nacional, foram a causa da revolução de 1848, e o motivo porque a França viu com indifferença a queda do segundo imperio, que além d'isso havia tirado á assembleia popular a iniciativa das leis.

Entre nós a carta de D. Pedro IV foi muito mais liberal para com os municipios do que a de Luiz Filipe.

Mas é preciso alargar mais as suas atribuições, bem como as das juntas geraes, que devem exercer o poder executivo junto das côrtes da provincia.

Descentralisar não é eximir-se o estado de uma parte dos seus encargos, não é dizer este ás localidades, paguem lá isto por mim, mas deixal-as usar dos direitos e poderes, que lhe pertencem.

Mas estes poderes como devem exercel-os?

Não é aos habitos mas á forma das instituições que se ha-de atribuir a ordem e o bom regimen da liberdade.

Á descentralisação politica, ao systema, que contrapeza todos os poderes, que lhes previne os abusos, e a cada um d'elles oppõe uma resistencia, devem a sua conservação os governos democraticos.

Se estes adoptam uma fórma unitaria com a gerarchia na authority, não logram ser estaveis; basta um golpe d'estado parar uma completa e rapida mudança na scena politica; assim, como em um mechanismo, todas as suas rodas estão ligadas e sujeitas a um motor principal.

Se nos habitos se acha a razão sufficiente da permanencia de um systema politico, o que é que o sustentou, ou salvou durante o tempo que lhe foi preciso viver para que o habito se formasse? porque é que não banqueou n'esse intervalo?

Sem a descentralisação politica e administrativa, mesmo a democracia vae dar ao despotismo: sem ella, o poder comprime, enerva, soffoca a iniciativa, obsta á reacção, faz-se tyrannico, como a Convenção em França, e então são possiveis um Robesperre, ou um Bonaparte.

Em nenhuma fórma de governo a liberdade é effectiva sem a independencia local.

Sem organisarem a força de resistencia todas as revoluções não teem feito mais do que aplanar o caminho aos oppressores.

A revolução de 1846 já vinha gravida de Napoleão III.

Sendo facil illudir e corromper as massas, o suffragio por si só é impotente para conter os governos arbitrarios.

No antigo regimen os monarchas absolutos encontravam um grande obstaculo nos poderes dos feudatarios, e os conselhos ou as communes tinham até uma milicia propria.

Hoje, nos paizes monarchicos da Europa a resistencia existe apenas na assembleia nacional, que, peo defeito da eleição, mais ou menos se subordina aos governos: ao lado d'ella estão o systema administrativo todo gerarchico, e o exercito com o seu espirito de disciplina e de obediencia, que se agora é uma condição de ordem, logo é um perigo, uma força cega á disposição dos que mandam.

O militar não ama a descentralisação, nem sequer o parlamentarismo, do qual escarnece: sente que é maior a sua importancia com a unidade politica, e que por ella predomina: diz-se que o systema representativo vive por tolerancia da corôa e da espada—e só porque para os monarchas o socego é preferivel á lucta: o certo é que os exercitos se teem mostrando favoraveis ás suas intenções libertecidas.

Os inglezes precaviram-se contra um grande exercito permanente; e o mutiny-bill, a lei sobre as revoltas, nunca foi votada senão por um anno: de modo que o desobedecer aos chefes quando seja preciso deixou de ser um acto illicito.

A constituição dos Estados-Unidos só permite votar o orçamento do exercito por dous annos; o exercito federal d'essa immensa republica apenas se compõe de 12,000

homens; na Suissa cada um dos cantões, grande ou pequeno, tem em armas 300 soldados, e assim se divide, equilibra, e annulla a força material em um systema de governo livre.

As garantias da liberdade não consistem sómente em o povo nomear os que o governam, mas tambem em dividir e contrabalançar a authority que lhes confia, em sujeital-a á contradicção, ao exame, e ao voto d'outros seus representantes que a moderam, a illucidam, e a obrigam a respeitar a opinião e a cumprir os seus deveres.

E' assim que a intelligencia collectiva inspira o poder e lhe alumia o caminho.

Embora as municipalidades e as juntas sejam a expressão dos direitos e dos interesses locais, sem uma outra fórma de representação, mais lata, mais completa, mais perfeita, não satisfazem ao seu fim.

Depois de eleitas obram como lhes parece: ordinariamente é só um dos seus membros que as dirige e domina: e muitos d'elles como são escolhidos? quaes são as suas habilitações? O que sabem propor, discutir o resolver? Farão, pois, o que devem e quanto podem? Quem os instiga, e quem os reprime?

Os corpos politicos locais devem ser á imagem do governo e do parlamento.

A representação das localidades, como nós a concebemos, infiar-lhes-ia uma vida nova, e seria a escola da opinião publica.

Tantos assumptos valiosos estão abandonados ao arbitrio, ao desleixo, e á tibieza dos poderes mal constituídos. O imposto municipal não será um objecto de toda a consideração? E pelo modo porque se constituem e funcionam as administrações locais, achar-se-ha aquelle imposto bem justificada na sua natureza, na sua quantidade, na sua distribuição, e no seu emprego?

Não prejudicará uma industria, um ramo agricola?

E será d'uma perfeita legalidade? Não sendo discutido, nem a opinião consultada, o voto popular não o sanciona.

Nenhum governo pôde offender impunemente o principio da sua existencia: a monarchia moderna, sophismando a representação nacional, não tem evitado os vaivens das quedas e restaurações: mas quando pelo suffragio universal, pela representação das minorias, pela autonomia politica e administrativa das provincias, se tornar solidaria com o povo, não excluindo classe alguma da acção politica, mas dando influencia a todas e os meios de vingarem as suas aspirações, e melhorarem o seu estado social, então sem temer nem as reformas nem as revoltas, durará o mais que o seu destino permittir; a ninguém parecerá que valha a pena uma lucta, que haja uma vantagem real em trocar o rei por um presidente ou um conselho soberano.

Os paizes que a revolução não agita nem ameaça, são esses, onde a individualidade está mais garantida, onde as instituições locais são mais independentes e vigorosas: a Suissa e os Estados Unidos, por exemplo.

O espirito publico, se ahí tem rasões para exaltar-se, não as

tem para recorrer aos meios violentos.

As nações ganham no regimen sinceramente liberal as qualidades politicas activas, mas pacientes e conciliadoras.

A idolatria da unidade do poder, a falsa ideia do estado, as prevenções contra as instituições descentralisadoras, ha muito que os estadistas as deviam ter abandonado, poupando á Europa muito sangue e muitas luctas.

Ter-se-ia consolidado essa força de civilisação progressiva, de que ella é capaz.

Hoje o poder, na sua essencia, não é mais do que a opinião esclarecida, as assembleias nacionais, e os monarchas não são outra cousa mais do que os seus representantes.

O estado é o orgão da acção, da vontade e da intelligencia collectivas.

Reinar é attendel-as, é dirigir a ordem dos poderes de modo que estes as não contrariem nem sophismem.

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

## A' VOLTA DA "IRMÃ,"

Não agradou á «irmã» a resposta, que lhe démos sobre as duvidas, que ella tem relativamente á applicação dos dinheiros do municipio. Sentimos muito.

Nós não vemos razão para tanto engulho.

Fomos simplesmente verdadeiros e sinceros, affirmando que a actual camara é d'uma honestidade inconcussa na sua administração, pois todas as receitas são escripturadas, e apenas se applicam em despezas do municipio.

Não censuramos, então, vereações transactas, porque todo o conselho conhece de sobejo, o que tem sido as diversas gerencias, e sabe fazer a critica justa e merecida aos respectivos responsaveis. E sendo assim, não vemos justificação possivel para umas phrases irritantes e mal descabidas com que fomos mimoseados.

Foi com certeza um mau quarto d'hora, aquelle em que a «irmã» se occupou a respigar conosco.

Não se achava bem disposta. O seu espirito estava sob uma impressão forte que a excitava sobremaneira, e nós fomos victimas do seu mau estar, da sua irritabilidade.

Paciencia. Resta-nos a consolação de não termos concorrido, quer directamente, quer indirectamente, para o nervosismo da «irmã», e mais a de que ella reconhecerá a sua inconveniencia, fazendo-nos a devida justiça sobre a nossa inculpabilidade.

Diz-se que a consolação dos tristes é ter companheiros na tristeza, porém nós não o pensamos assim, motivo porque não nos regosijamos por a camara, tambem juntamente conosco, ter sido victima dos maus humores da «irmã».

A razão é bem simples, já porque não somos egoistas. Já porque a camara não está nas mesmas condições de innocencia em que nós, relativamente á doença momentanea da «irmã».

Crêmos não nos enganar n'es-

ta affirmativa, porque varias vezes temos notado, que a «irmã» quando ha qualquer referencia á camara, se irrita facilmente.

Não será difficil descortinar a razão d'este facto.

Em outro tempo viveram ambas na mais completa harmonia, auxiliando-se reciprocamente, e sendo a camara uma perfeita creança que cegamente se deixava levar pela mão da «irmã».

A camara como tempo emancipou-se do poderio da «irmã» não vindo desde então esta com bons olhos, como não vêem os enteados aos padraustos.

A intimidade doutr'ora tornou-se em inimidade irreconciliavel.

Ora, emquanto não houver uma reconciliação, ha de sempre a camara ser maltratada pela «irmã», e esta ha de irritar-se sempre que, lhe fallem na amiguinha doutr'ora.

Eis a razão das cousas.

D'antes a camara era muito honrada e sobretudo boa para a «irmã»; hoje é uma ingrata, não diz quanto dinheiro tem na Caixa Geral dos Depositos, não diz em que tem gasto o que de lá tem sahido, não diz as obras, que tem feito, não diz absolutamente nada.

A «irmã» grita constantemente; e a camara não profere uma palavra; a primeira irrita-se, a segunda perfeitamente serena.

D'onde estará a razão? não é difficil a resposta.

A «irmã» mostra um interesse extraordinario em querer ingerir-se, novamente, nos negocios da camara, e esta olha aquelle com sobranceira, manifestando uma magoa intensa, quando se recorda do passado.

E' muito grande a inimidade; estão ainda muito vivas as causas d'ella.

Deixe, pois, a «irmã» passar mais largos dias, porque o tempo tudo fará esquecer, e então talvez nós lhe possamos prestar o serviço, que nos pede, qual é o de perguntar á camara, o que deseja.

Por emquanto é cedo, muito cedo, e todo o nosso trabalho seria baldado.

## CHRONICA D'ESMORIZ

«Olh'o marco do mar!!»

(Continuação)

No dia seguinte reuniu-se effectivamente a Junta de Parochia d'Esmoriz, mas, depois de ponderar que a acceitação do accordo lhe impunha uma enorme responsabilidade priorriava a freguezia dum a orelha de terreno de mais de 90 metros de largo, desde a praia até ao marco das Gandras do Rio do Carriçal, resolveu para alejar parte dessa responsabilidade chamar a uma reunião os maiores proprietarios da freguezia e ouvir-os sobre o caso. Essa reunião, á qual assistiram as pessoas mais gradas da terra, teve lugar no domingo a seguir, sendo-lhes exposto pelo presidente da Junta o que se passava na Costa na quinta-feira anterior e que a Junta lhes pedia que lhe dissessem se devia acceitar ou regeitar o accordo proposto, com o accrescimento combinado entre o Snr. Pe-

reira d'Oliveira e o Sr. abbade de Cortegaça. Dos presentes fizeram uso da palavra alguns, mas todos, depois de frisarem quanto elle lesava a freguezia, acabaram por propôr que a Junta o aceitasse, para se livrar de trabalhos e despezas e além disso para se acabar com a contenda...

Esta proposta foi unanimamente votada, apressando-se o Sr. abbade d'Esmoriz a comunicar o facto aos Srs. dr. Soares Pinto e abbade de Cortegaça, o qual em resposta lhe pediu que sem demora encomendasse os marcos para serem mettidos em seus sitios o mais breve possível; que corresse com as despezas da sua compra, transporte e collocação, que elle pagaria metade.

O Sr. abbade d'Esmoriz não se demorou em fazer essa encomenda e tanta pressa deu ao montante, que este lh'os enviou no dia 10 de março, sendo designado o dia 12 para a sua collocação. A esse tempo e por accordo entre os dois parochos. Já um tecnico havia traçado a linha divisoria das duas freguezias, entre a Cambôa e o cunhal do palheiro do Sr. Cantinho, deixando umas pequenas estacas nos sitios, onde elles deviam ficar.

Naquelle dia 12, ahi por volta das 10 horas da manhã, e na presença dos dois parochos que se diziam para tal fim auctorizados pelas Juntas da sua presidencia, e na d'um representante do Sr. Director das Obras Publicas d'Aveiro, para isso préviamente convidado, foi espetado o primeiro marco no ponto em que a linha divisoria corta a estrada que vae d'aqui para Ovar, e só na presença dos primeiros, o segundo no corte da linha ferrea, o terceiro no alto do areal, e o quarto a 300 ou 400 metros dos primeiros palheiros, e, quando ia a ser collocado o ultimo, debaixo do cunhal do palheiro do Sr. Cantinho, em conformidade, com o accordo feito, o Sr. abbade de Cortegaça não consentiu, allegando para se justificar deste seu modo de proceder que a linha divisoria deva passar não pelo cunhal do palheiro, mas... pelo beiral.

O Sr. Abbade d'Esmoriz lembrou-lhe que, segundo a proposta, feita pelo Sr. Dr. Soares Pinto, o marco, alli devia de ser posto debaixo do cunhal e não debaixo do beiral e tanto assim que aquelle cavalheiro ao fazer a proposta se collocara debaixo do referido palheiro e dissera que era mais um esteio de supporte que se lhe collocava debaixo.

Não se demoveu e sem mais aquellas... retirou-se declarando roto o accordo!

Mas, na realidade, seria aquelle o motivo que levou o Sr. Abbade de Cortegaça a romper o accordo? Seria mesmo a imposição que disse algum lhe fizera de que não queria que uma só telha do seu palheiro ficasse dentro d'Esmoriz? Não o cremos e não o cremos, porque tudo isso é muito pequenino para justificar um acto tão importante e de tanta responsabilidade como o seu. S. Reverencia não sacrificaria levemente a paz de duas freguezias a um capricho pessoal é... só proprio de crianças.

E depois, á sua lembrança não devia occorrer nesse momento que a rotura do accordo trazia ás duas freguezias enormes despezas e trabalhos sem conta é que podia muito bem a carretar-lhes conflicts gravissimos?

Sem duvida.

E a confirmação de que pensando assim não andavamos longe da verdade tivemos-a no dia seguinte, porque a junta d'Esmoriz desejando fazer marchar os embargos feitos em Fevereiro... viu que o praso para intentar as respectivas acções havia terminado... no dia anterior! Estava explicado o enigma! Emquanto elle durou, deram mostras de aceitar tudo, concordar com tudo mas apenas elle findou, tudo calcaram aos pés enquanto aquella bota incommoda lhes esmagava os calos... fingiam querer a paz e arrumar com a questão; mas apenas se viram livres della... por aqui me sirvo. Toca a voltar a incommodar os d'Esmoriz para... os cançar e vêr se é possível extorquir-lhes mais... um pedaço de terreno. Aquella entrada do mar... ainda lhes ficava tão longe!

(Continua)

Zé Petinga

## Chronica d'um vagabundo

«Conto do anno novo»

Sentado a um canto do lar onde brilhava uma fogueira de secos achões, dos melhores que o tio Francisco pôde escolher, ouvia com indiferença o monotono ruido da chuva, caindo nas lageas do passeio.

Expirava o anno, envolvido

n'uma mortalha repassada das chuvas de infundáveis dias de inverno. Dir-se hia que o caduco filho do tempo não levava a bem a destronisação a que o obrigava um fedelho—o novo anno—, e desatava toda a sua bilis raivosa em lama e chuva por esses caminhos fóra.

Como o tic-tac d'um relógio, as gottas d'agua que se despejavam dos beirões dos telhados, caíam morosas, mas n'uma cadencia maravilhosa.

Aquella hora da noite sentiam-se passadas, de corrida, como da das a medo.

—Feliz o homem que pode juntar-se aos seus, n'este dia de alegria domestica, disse, eu quebrando o silencio, por demais pezado e triste, que ia reinando no lar.

E, ao ouvir-me, o tio Francisco ergueu os olhos que espreitavam o lume, e n'um mover lento da cabeça esplendida de fios de prata, afirmou:

—Oh, sim, muito feliz...

E o olhar mergulhou-se novamente na labareda crepitante, como a pedir-lhe uns raios quentes para os frios membros de velho.

E pensava o tio Francisco talvez, n'aquelle instante, nas suas angustias e nos transe afflictivos da vida.

Pois se lhe fugira a esposa, uma santa, depois de lhe legar duas perolas, o fructo d'um amor bendito.

E n'elles tambem pensava, n'esses dois filhos que em cata de fortuna gemiam com saudades do lar paterno em longinquas paragens, mas que prometteram vir festejar com o velho progenitor a festa do novo anno.

E eu que sabia toda a sua vida, calei-me, deixando prolongar-se o silencio em que se evocam recordações pungentes, mas ao mesmo tempo doces.

Alguns momentos decorreram em que não abrandava a chuva irritante d'aquella invernia, esmagadora.

E como obedecendo a uma secreta combinação chegam os esperados convidados, os filhos do tio Francisco.

Foi uma festa propria de occasiões solemnes.

Em breve as terrinas fumegavam na mesa. E pela delicadeza dos manjares trocamos a quentura do lar.

Eis-nos de novo ao lume, com dois hospedes, nem mais nem menos que os filhos do tio Francisco.

O velho ancioso por conhecer

das suas intuições;—em Phe-don, reconheceu o homem credulo e supersticioso;—quanto a Diogenes, considera-o como um cynico delicado e zombeteiro. de muito bom senso, mas preguiçoso e cheio d'orgulho.

Depois d'haver estudado demoradamente um systema de philosophia mais em relação com a sociedade da epocha, abriu escola e não tardou a ver-se cercado de innumerados discipulos.—Os seus principios philosophicos contem-se nos cinco artigos seguintes:

1.º Sensações e paixões. 2.º Do bem e do mal. 3.º Das acções. 4.º Das causas. 5.º Do elogio.

1.º Aristippo considera as impressões como regras de verdade, como a base da nossa razão. E realmente por meio das sensações que distinguimos o bem do mal, o prazer da dôr, o bello do feio, etc.

As sensações dividem-se em agradaveis, desagradaveis e indifferentes. estas ultimas acham-se num estado em que não existe prazer, nem dôr, estado analogo ao d'um profundo somno.

A alegria presente é para o homem o soberano bem, como o desgosto é soberano mal. O homem foge instinctivamente á dôr e procura o praser; deve sujeitar-se desde o principio a uma direcção que diminuindo ás probabilidades do desgosto, augmente as do contentamento.

2.º O bem e o mal não pode definir-se rigorosamente, são rela-

tivos, aos povos, e aos tempos: o que é bem para um povo, é mal para outro.

Finalmente estamos auctorizados a dizer que não ha mal no universo, pois este é obra dos deuses, e os deuses não podem fazer mal. O que para nós é um mal, talvez seja um bem; e o nosso erro vem de ignorarmos as intenções divinas a este respeito. Em tal epocha da humanidade será julgado um bem o que n'uma outra será reputado um mal. D'onde é logico inferir que o bem e o mal, do mesmo modo que o justo e o injusto são resultados da nossa maneira de sentir, das nossas ideias e costumes. Assim, a guerra é um mal para os vencidos, e um bem para os vencedores. A escravatura é um mal para o escravo, e um bem para o senhor.

Em tudo isto onde está o criterio?

3.º As acções humanas são determinadas geralmente por motivos de interesse; a fortuna, as honras, a gloria, etc; o seu fim é sempre o bem estar, o prazer, a satisfação pessoal.

4.º As causas primitivas estão além das nossas concepções; é loucura querel-as discutir; é perder o tempo a maneira de Platão. As causas secundarias são, pelo contrario, accessiveis á nossa intelligencia, e merecem serem estudadas; porque o seu estudo nos fornece os meios d'augmentar o numero dos nossos prazeres e o

de diminuir o dos pesares. Thales provou praticamente que o conhecimento das causas physicas pode ser util ao homem.

5.º O elogio é um dos meios d'assegurar a nossa felicidade, pelo concurso dos outros; este meio não deve ser rejeitado, Louvar delicadamente é uma arte que se não aprende em pouco tempo; hade ser exercida sempre que possa tirar-se proveito d'ella.

Aristippo diz que os bens da terra não merecem os trabalhos a que nos entregamos para os adquirir, senão por serem necessarios ao nosso bem estar; se não nos dessem nenhum prazer, se não afastassem o infortunio, não lhe dariamos a importancia de os procurar.—A sobriedade, a temperança, a coragem nos revezes, o esquecimento d'um passado doloroso, etc; etc, são qualidades precisas á felicidade. Devemos tambem, com todo o cuidado, evitar as paixões indignas, a ira, o odio, a vingança, a calumnia, a avaresa, e outras paixões depravadas que nos originam inimigos; estes são um obstaculo continuo á nossa quietação, e por consequencia á nossa felicidade.

Aristippo inquieta-se pouco do passado, e espera o futuro com a mesma indiferença. O passado já não existe, para que nos ha-de importar? O futuro ainda não chegou e ignoramos o que será; porque nos inspira elle a esperança, o desespero, o temor?

Assim decorreram mezes e o nosso amor cada vez mais intenso.

Mas os paes da rapariga conhecidos das nossas relações

deu a vida dos filhos, o resultado dos seus negocios, as suas desditas e alegrias, sorrindo imperceptivelmente ao ouvir-lhes a narração de tudo o que de bom e mau lhes succedera.

Fallou-se naturalmente em assumptos proprios da occasião: do anno findo, da carantonha com que se despedia, da abundancia que n'elle houve em todos os generos alimenticios e finalmente do anno que ia vêr a luz da immortalidade.

A proposito fiz salientar na conversação, a enorme abusão que creou raizes no espirito popular: de que, conforme procedessemos no dia primeiro do anno novo, assim procederíamos fatalmente no futuro

Ao ser-lhe exigida a sua opinião sobre a questão, o velho tio Francisco fitou-me com uns olhos tristes e onde brilhava uma lagrima...

—Antes fosse verdade, isso; teria sido mais feliz.

E como para comprovar a sua affirmação o velho intimou-nos em cathorica ordem:

—Ouçam... tinha eu 18 annos quando conheci uma rapariga, da mesma idade pouco mais ou menos, e natural lá da minha terra.

Bonita, não seria, mas, sympathica, era-o em extremo.

Corria então o estio suave, e as noites de esfohadadas seguiram-se umas apoz outras, scintillantes sempre de aquella belleza campestre que nos recreia a vista e arasta o coração

Era por essas noites de luar que se redavamos os mais intimos pensamentos, e ao ruido das canções amorosas os nossos corações batiam desordenadamente inebriados d'aquelle amor, que em tempos o reitor da freguezia disse ser mais forte do que a morte...

—Ha quantos annos não vae isto, santo Deus!

E as lagrimas brotavam dos olhos melancholicos do velho, que continuou, retendo, a custo, o pranto:

«—Passado um anno, continuou, morria o anjo que me podia ter feito mais feliz. Compreendeu agora, dirigindo-se para mim, a razão de eu ter dito que, a ser verdade o que se diz para ahi, eu teria sido feliz?»

E lá fóra continuava a cair monotona, enquanto na casa havia o calor benefico da fogueira que se extinguiu.

Onhip.

## NOTICIARIO

### Tempo

Apoz alguns dias de chuva, voltou, novamente, o bom tempo.

As ruas, que se encontravam n'um perfeito lamaçal, mesmo intransitaveis, acham-se quasi completamente seccas, devido ao sol acariciador que tem estado estes tres ultimos dias, o que bastantes nos compraz.

As noutes, comquanto algo frias (o que é proprio da estação, que atravessamos) são verdadeiramente poeticas, e oxalá que assim se conservem afim de que, na vespera e dia de Reis, possamos apreciar as juvenis gargantas, que ao som dos bandolins e violões, se farão ouvir n'estas noutes, aqui tão festejadas e nas quaes a mocidade vareira costuma sahir a dar as «Boas-Festas», aos seus amigos compatriotas.

### Theatro

Hoje sobe á scena o drama—sacro «O Santo Antonio», que tão boas impressões tem deixado nos espectadores, nas epochas em que aqui tem ido á scena.

## FOLHETIM

### NOITES DE CORINTHO

por Debay

#### Os Serões de Lais

#### VII

A fiel Timandra que sempre o acompanhara no prazer na e dôr foi quem lhe recolheu a cinzas e obteve do traidor Pharnabaze as honras de sepultura.

Quando Cleon terminou a biographia, Lais, agradecendo-lhe estende a mão a beijar, e diz aos seus convidados:

—A todos vós estrangeiros e caros compatriotas que me honraes com a presença eu espero d'hoje a oito dias, e essa reunião será consagrada á biographia d'Aristippo de Cyrena, meu mestre, que foi passar algum tempo na corte de Dionisio, tyranno de Siracusa. Rapidamente esboçarei o seu systema philosophico e narrando os factos mais notaveis da sua vida demonstrarei que é, não sómente o mais amavel dos philosophos, mas tambem o mais desinteressado e o mais generoso.

#### CAPITULO QUARTO

#### (2.ª Conferencia)

#### Aristippo

Sua Philosophia e Biographia anedoctica feita por Lais, sua discipula.

Prometti aos meus convidados diz Lais, dar-lhes a conhecer os principaes traços da vida d'Aristippo; a sua ausencia me permite realizar hoje a promessa.

Aristippo é natural de Cyrena, na Libia; é filho de pais distinctos e ricos; mostrou desde tenra idade uma intelligencia penetrante e grande desejo de instruir-se; ouviu fallar de Socrates e d'Athenas a dois viajantes a quem seu pai dava hospitalidade, e logo quiz ver Athenas e ouvir Socrates.

Tendo o pae fallecido, vendeu uma parte do patrimonio e foi residir na cidade de Minerva; frequentou assiduamente as diferentes escolas de philosophia, mas ligou-se de preferencia á de Socrates.

Sabendo discernir o bom e o mau de cada systema, admirou, em Socrates, o grande bom senso.—em Antisthenes, a moralidade, mas taciturno, desgostoso, doentio, d'uma austeridade excessiva e impraticave, em Platão, o espirito idealista, o poeta philosopho que accieita como verdadeiras to-

LITTERATURA

LA NUIT D'ÉTÉ

Ao meu presado amigo, Snr. Carlos de Faria e Mello, Barão do Cadore.

L'oiseau dort, et tout s'apaise,  
Que j'aime le soir pieux,  
Où la pensée à son aise  
Vole et plane dans les cieux!

L'abime partout rayonne,  
C'est l'infini devant nous—!  
Toujours la nuit nous étonne—  
On veut se mettre à genoux!

Rien qu'à voir les cieux, le monde,  
L'esprit alors plus serein  
S'emplit d'une foi profonde,  
On croit, que tout est divin!

Prés de nous il vient éclore  
Un astre au sein de la nuit,  
C'est pour nous charmer encore,  
Pour qu'on soit toujours séduit!

Sa loueur sur la verdure,  
Sur notre riant séjour,  
Tombe si tendre et si pure,  
Qu'on sent un besoin d'amour!

Sur la ramure fleurie,  
Où chante le barde ailé,—  
Pour l'âme triste ou réjouie,  
Qu'il est doux ce jour voilé!

On ne sait quelle puissance  
A tous les bourgeons naissants  
Mène la séve en silence,  
Des flots de vie et d'encens.

Ce monde, ó beauté suprême,  
Dans son charme indéfini  
C'est un reflet de toi-même,  
Seulement un peu terni!

Pourquoi ton charme, ó nature?  
Pourquoi ces rayons si beaux,  
Tant de vie et de murmure?  
Je vois lá-bas des tombeaux!...

Dis-nous, pourquoi tant d'ivresses,  
Qui ne durent qu'un instant,...  
Si, par contre, tu nous laisses  
L'éternité du néant?!

Aux rayons, que l'astre envoie,  
Dont, si tendre, il nous bénit,  
Ahl prenons leur douce joie...  
La rose est lá, qui sourit!

On sent plus, quand tout repose;  
On est épris en rêvant  
Qu'il se voile en toute chose  
Je ne sais quoi d'évivant!

Au firmament tout en flamme,  
A la terre tout en fleur,  
Un élan du fond de l'âme  
Demande encor le bonheur!

1885

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

O presente pertence-nos, é do presente que devemos gosar.

Ridicularisa a seita d'Antisthenes e em resumo lhe faz estas censuras:—

Não é absurdo impôr a si mesmo duras privações não sendo favoráveis a ninguém? Que nome dareis ao que se tortura sem proveito.

Não é um acto de demencia não comer figos, quando gostamos d'elles?

Não é ridiculo não usar um manto bordado a purpura se ha meios de possuil-o? Não é penosa tolice renunciar aos encantos da belleza, quando se ama tendo o coração livre? Finalmente porque recusaremos os licitos prazeres? A estes homens, que affectando uma austeridade desmedida querem que os julguem espiritos superiores, eu os considero orgulhosos, mas não rasoaveis.

(Continúa)

C. M.

ERRATAS

No penultimo folhetim, onde se lê—encandeciam, deve lêr-se—escandeciam. Onde se lê—cabendo a victoria aos Spartames, deve ler-se—cabendo a victoria aos Spartanos.

No ultimo folhetim, onde se lê—Spartanar, deve ler-se Spartanar.

Festividade

No proximo dia 20 do corrente realizar-se-ha a festa ao Martyr S. Sebastião, na capella do mesmo nome, sita no Largo d'Almeida Garrett (Estação).

Opportunamente daremos o programma da mesma festa.

ANNIVERSARIOS

Acabam de completar mais um anno de existencia os nossos Ex.<sup>mos</sup> collegas: «Soberania do Povo», «Districto d'Aveiro» e «Comercio da Feira.»

A todos, as nossas felicitações.

Brutalidade

N'um dos dias da semana ultima, andando um pobre pescador, d'esta villa, ás pinhas, n'um pinheiral pertencente a um individuo, bem conhecido, tambem d'esta villa, na occasião em que se achava em cima d'um pinheiro, teve a infelicidade de cair, ficando bastante maltractado.

N'esta occasião appareceu o dono, que, não satisfeito com a

A VIDA DO CAMPO

Oh lavradores bemaventurados,  
Se conhecessem seu contentamento!  
Como vivem no campo socegados!  
Dá-lhes a justa terra o mantimento,  
Dá-lhes a fonte clara da agua pura,  
Mungem suas ovelhas cento a cento.

Não vêem o mar irado a noite escura,  
Por ir buscar a pedra do Oriente;  
Não temem o furor da guerra dura.

Vive um com suas arvores contente,  
Sem lhe quebrar o somno repousado  
A gran cubiça de ouro reluzente.

Se lhe falta o vestido perfumado,  
E da formosa côr de Assyria tincto,  
E dos torçaes Attalicos lavrado;

Se não tem as delicias de Corintho,  
E se de Pario os marmores lhe faltam,  
O pyropo, a esmeralda e o jacintho;

Se suas cazas de ouro não se esmaltam—  
Esmalta-se-lhe o campo de mil flôres,  
Onde os cabritos seus comendo saltam.

Alli lhe mostra o campo varias côres;  
Vêem-se os ramos pender co'o fructo ameno;  
Alli se afina o canto dos pastores,

Alli cantára Tityro e Sileno;  
Emfim por estas partes caminhou  
A sã justiça para o céu sereno.

Ditoso seja aquelle que alcançou  
Poder viver na doce companhia  
Das mansas ovelhinhas que creou.

Camões.

desgraça de que acabava de ser victima o pobre homem, o desancou, ainda, barbaramente.

Irral Já é ser bruto de mais!...

Bombeiros Voluntarios

Conforme noticiáramos, teve lugar no dia 1 do corrente a festa do decimo anniversario da humanitaria «Associação dos Bombeiros Voluntarios», d'esta villa, cumprindo-se integralmente o programma annunciado.

A recita de gala, que constou de um soberbo monologo recitado pelo nosso conterraneo e intelligente escrivão de direito, n'esta comarca, o Snr. Angelo Lima, e do drama em 5 actos «A Falsa Adultera» pela «Sociedade Emprezaria sob a direcção do actor Caetano Pinto», agradou bastante.

O desempenho, foi, no geral, correctissimo o o scenario deslumbrante.

Pesca

Devido ao estado de agitação em que o mar se tem encontrado a semana finda, não houve trabalho de pesca na Costa do Fura-douro, o que tem contrariado bastante a classe piscatoria, pois que tem apparecido bastante modo—(termo usado entre aquella classe.)

REDUCÇÃO DE TAXA POSTAL,

Principiou no dia 1 d'este mez a redução do porte do Correio nos jornaes e impressos, que se destinem aos E. U. do Brazil.

Assim, pois, o porte, por cada 50 grammas ou fracção, será de 5 réis.

Deve-se este melhoramento aliás importante, aos Ex.<sup>mos</sup> Snrs. Ministro das Obras Publicas e Director geral dos Correios.

Santos Dumont

Acha-se em Roma o arrojado aeronauta Santos Dumont, que alli foi recebido em audiencia pelo rei.

O parlamento brazileiro votou, em seu favor, uma subvenção de 100 contos de réis.

Os jornaes parisienses occupam-se largamente do illustre aeronauta, tecendo-lhe grandes elogios.

DOENTE

Acha-se gravemente enfermo o Snr. Ernesto André d'Oliveira, sobrinho do Snr. João da Silva Alminha.

Desejamos o prompto restabelecimento d'este nosso amigo.

Pauta dos Jurados sorteados no 1.º de Janeiro corrente

João Carlos da Silveira Pinto Camello—Vallega José d'Oliveira Picado—Guilhovae—Ovar—Francisco Ferreira Lamarão—Ribas—Ovar Joaquim Leite de Rezende—Aldeia—Arada—Ant.º P.º de P.º Junior—Villar—Vallega—Manoel Rodrigues Aleixo—T.º da da Fonte—Ovar—Manoel Pinto Rameira—Castanh.º—Esmoriz—Manoel Dias de Carvalho—L.º do Chafariz—Ovar—Ernesto Augusto Zagallo de Lima—R. da Praça—Ovar—José Maria Rodrigues Borges—Bajunco—Ovar—Antonio Carmindo de Sousa Lamy—R. da Praça—Ovar—Antonio Bento da S.º Valente—Est.º de B.º—Vallega—José Maria d'Oliveira Picado—Cadaval—Vallega—João Pereira d'Oliveira—Mattosinhos—Esmoriz—João Pereira d'Azevedo—Carv.º de Lima—Vallega—Antonio dos Sautos—S. João—Ovar—Antonio Alves Corrêa—Carvalho—Maceda—Francisco Marques d'Oliveira Reis—Lavoura—Cortegaça—Alfredo Alves Dias—Cazella—Esmoriz—Antonio Pereira Carvalho—R. da Fonte—Ovar—João de Pinho Valente—Bajunco—Ovar—Antonio Francisco de Castro—Gondezende—Esmoriz—Manoel Augusto d'Oliveira Salvador—R. da Praça—Ovar—Manoel Ant.º Lopes Junior—Areal—Ovar—J.º Al.º C.º—R. da Fonte—Ovar—Victorino Alves Ferreira Ribeiro—Areal—Ovar—Antonio da Cunha Farraia—R. da Graça—Ovar—José Alves Ferreira Ribeiro—Areal—Ovar—Manoel Caetano do Amaral—Carvalho de Cima—Vallega—Antonio da Fonseca Soares Junior—Outeiro—Ovar—José Ferreira Malaquias—Campos—Ovar—José Maria Dias de Rezende—S. Thomé—Ovar—Manoel Pinto Rodrigues—Paço—Esmoriz—Constantino Gomes de Pinho—Estação—Ovar—Delfim José de Sousa Lamy—Largo do Chafariz—Ovar—Francisco Ignacio Ferreira Soares—Assões—Ovar.

Arrematação

2.ª publicação.

No dia 27 do proximo mez de janeiro, por 11 horas da manhã, á

porta do Tribunal Judicial d'esta Comarca, sito na praça d'Ovar, e na execução hypothecaria que o Commendador Luiz Ferreira Brandão viuvo proprietario da rua das Ribas, d'Ovar, move contra Manoel Gomes Silvestre, viuvo, maritimo, por si e como representante de seu filho menor impubere João do logar da Ribeira, tambem d'Ovar, se ha-de arrematar e entregar a quem maior lance offerecer sobre a avaliação, o seguinte predio pertencente e penhorado aos mesmos e executado:

A terça parte d'uma terra lavradia com um pequeno pinhal parte do poço e engenho de regar, sita na «Varzea», limite d'esta villa de Ovar, no valor de 420\$000 reis.

Para a praça são citados quaesquer credores incertos e correm editos de trinta dias a contar da segunda publicação d'este annuncio no «Diario do Governo» citando João Gomes Silvestre, solteiro, maior, ausente em parte incerta dos Estados Unidos do Brazil, para, na qualidade de co-proprietario do predio a arrematar, assistir á arrematação e usar dos seus direitos querendo.

Ovar, 15 de dezembro de 1906.

Verifiquei a exactidão.  
O Juiz de Direito  
Lobo Castello Branco  
Escrivão substituto,  
Amadeu Soares Lopes.

ARREMATAÇÃO

2.ª praça

No dia 13 do proximo mez de janeiro, por 11 horas da manhã, á porta do tribunal judicial, sito na praça da villa d'Ovar, vão pela segunda vez á praça, para serem arrematados e entregues a quem maior lance offerecer sobre metade da sua avaliação, os bens abaixo designados, pertencentes e penhorados á executada Maria Alves da Silva Galante, casada, do logar do Monte, freguezia de Cortegaça, na execução por custas e sellos que lhe move o Dr. Delegado do Procurador Regio n'esta mesma comarca.

Uma leira de matto e pinhal chamada a «Cruz», sita no rio de Cortegaça, de natureza censuaria á Confraria do Santissimo Sacramento da freguezia de Esmoriz, a quem paga o censo annual de 4,37 de trigo, e avaliada com o abatimento do censo, na quantia de vinte mil reis, e vae á praça no valor de 10\$000 reis;

Uma leira de matto chamada o «Monte», sita no mesmo rio de Cortegaça, allodial, avaliada na quantia de dezessete mil réis, e vae á praça no valor de 8\$500 réis.

Uma casa de moinho com uma roda de moer a vento, sito nas «Areias» da freguezia de Cortegaça, allodial, avaliada na quantia de trinta e quatro mil réis, e vae á praça no valor de 17\$000 réis.

Para a praça são citados quaesquer credores incertos, e ali deduzirem os seus direitos, querendo.

Ovar, 19 de dezembro de 1906.

Verifiquei a exactidão  
O juiz de direito  
Lobo Castello Branco  
O escrivão substituto,  
Amadeu Soares Lopes

EDITAL

A Junta dos Repartidores do concelho d'Ovar para o anno civil de 1907, etc.

Faz publico, em observancia do que dispõe o art.º 56.º do regulamento de 16 de Julho de 1896, que se acha installada para todos os efeitos legaes.

E para constar se lavrou o presente e outros de igual theór, que vão ser affixados nos logares do costume.

Repartição de Fazenda do concelho d'Ovar, 31 de dezembro de 1906.

O Presidente  
João José Alves Cerqueira

# ESTAÇÃO FRIORENTA

Depois da quadra d'estio,  
Em que a gente andava a arder,  
Entrámos agora no frio;  
E o que havíamos nós de fazer,  
Se não nos valesse o Luzio?...

C'o ... nariz sempre a pingar,  
Quando, pois, ninguém julgava  
De a isto vir a chegar,  
Quem elle então acalmava  
Tem que agora acalorar.

Deixae-me portanto dizer,  
A vós meninas com brio:  
—Não vos deveis esquecer  
D'entoar «Gloria ao Luzio»!...  
Que é quem vos hade ... aquecer.

Bons vinhos maduro e verde, tinto e branco

**ANTONIO DA SILVA BRANDÃO-O LUZIO**

## MERCEARIA PINHO & IRMÃO

—LARGO DA PRAÇA—

Os proprietarios d'este estabelecimento, na certeza de que sempre satisfizeram o melhor possível aos seus freguezes, no preço e qualidade dos seus generos e artigos, convidam o respeitavel publico a visitar o seu dito estabelecimento, onde encontrarão além de todos os generos de mercearia; um variado sortido de miudezas, artigos de papelaria, drogas, tintas, ferragens, artigos de latoaria, vinhos da Companhia e outras marcas, etc. etc.

Tabacos e phosphoros para revender  
Azeitona d'Elvas a 220 reis o Kilo.

Deposito do Café Moido Especial

O MELHOR E DE MAIS SAHIDA EM OVAR

## OFFICINA E ESTABELECIMENTO DE CALÇADO

DE  
VICTORINO TAVARES LISBOA

S. João da Madeira

(Oliveira d'Azemeis)

O proprietario d'esta officina, vende, em todos os domingos, na praça da hortaliça, d'esta villa, calçado em todas as côres, para homem, senhora e creança; encarregando-se tambem de executar com esmerada perfeição e modicidade de preços, toda a encomenda de qualquer obra concernente á sua profissão.

—Sendo preciso, em qualquer dia da semana, fazer-se encomendas, o proprietario virá tambem a esta villa, a caza dos freguezes, que para isso o avizem pelo correio ou pessoalmente.

## EXTRACTO DO CATALOGO

DAS  
Obras á venda no BAZAR FENIANO  
DE

**ANTONIO DA SILVA SANTOS**

264, RUA DO MOUSINHO DA SILVEIRA, 270—PORTO

Edições d'esta casa

## Continuação do Catalogo do Bazar Feniano

Verdadeira significação dos sonhos . . . . .	60
Rei das Montanhas ou a Fada da Fonte de Chrystal . . . . .	60
O Castello d'Ouro, ou o Principe encantado . . . . .	60
A Gatinha encantada ou os quarenta ladrões . . . . .	60
Historia dos dois compadres . . . . .	60
Historia do Cura e Sacristão . . . . .	60
Historia de Roberto do Diabo (verso) . . . . .	66
Historia da Donzella Theodora (verso) . . . . .	60
Historia do Barba Azul . . . . .	60
Serenatas ao luar . . . . .	60
Livro de S. Cypriano . . . . .	200
A arte de namorar (prosa) . . . . .	80
A Musa dos Namorados (verso) . . . . .	60
Gato de Botas . . . . .	60
Gata Borralheira . . . . .	60
Um abbade em calças pardas . . . . .	60
As botas de sete leguas . . . . .	50
Historia do Feiticeiro de Bronze . . . . .	60
Historia da Massaroca d'Anastacio . . . . .	60
Historia de Bernabé Pisa Mansinho . . . . .	60
Historia da Princeza Clotilde . . . . .	60
O abbade da Ramalheira . . . . .	60
Os amores de Laurinha . . . . .	60
O Jardim Infernal . . . . .	60
João de Calais (verso) . . . . .	60
A Mariquinhas padeira . . . . .	60
Carlos Magno (versos) . . . . .	60
A Burrinha magica . . . . .	60
A B C dos namorados . . . . .	60
Princesa Magalona (verso) . . . . .	60
Imperatriz Porcina (verso) . . . . .	60
Bertoldinho (verso) . . . . .	60
A formoza Mathildinha . . . . .	60
Historia da encantadora Mercedes . . . . .	60
Historia da Princeza Leonor . . . . .	60
» do Gaitero e a Velha das noses . . . . .	60
» das Aventuras d'um Sacristão . . . . .	60
» do João das Moças . . . . .	60
A martyr da Honra . . . . .	60
A filha Maldita . . . . .	60
Historia do Conde Redondo . . . . .	60
O Fradinho Atiradiço . . . . .	60
O Conde de Monterey . . . . .	60
Historia de João Urso . . . . .	60

Porto—Typ. Peninsular—Rua de S. Crispim, 18 a 28

# TYPOGRAPHIA PENINSULAR

DE

## MONTEIRO & GONÇALVES

NUMERO TELEPHONICO, 737

N'esta bem montada officina typographica imprime-se com promptidão, nitidez e por preços excessivamente baratos todo e qualquer trabalho que se diga pertencente a arte typographica, taes como: facturas, mappas, recibos, enveloppes, cartões de estabelecimentos, memoranduns, circulares, obras de livros, jornaes diarios e semanaes e desde o simples e modesto cartão de visita a 150 réis o cento e mais preços.

Fazem-se impressões em todas as côres.

Enveloppes desde 1\$200 réis o milheiro

Esta redacção encarrega-se de todos os trabalhos typographicos

**RUA DE S. CHRISPIM, 18 A 28**

Com entrada pela Rua dos Mercadores, 171

**PORTO.**